

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## AGENCIAMENTOS PARA A CRIAÇÃO DE MUNDOS POSSÍVEIS EM *MULHERES DE BARRO* (2014)

Maria Cecília Ribeiro Nunes Nascimento  
Universidade de Brasília  
mariacecilia.rnunnes@gmail.com

Andrea Cristina Versuti  
Universidade de Brasília  
andrea.versuti@gmail.com

### Resumo

O cinema é um espaço oportuno para debater sobre as diversas realidades sociais, pois pode incentivar o pensamento crítico e reflexivo. As imagens construídas e projetadas nas telas viabilizam a ampliação de repertórios e a transformação de imaginários coletivos, apresentando outras maneiras de nos relacionarmos com o mundo e com as pessoas. Diante disso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre os agenciamentos de mulheres panelleiras para a criação de mundos possíveis de resistência e libertação a partir do filme *Mulheres de barro* (2014), de Edileuza Penha de Souza. Entre as temáticas abordadas na obra, focalizamos no ofício da produção de panelas de barro como uma prática ancestral feminina e produtora de cultura no estado do Espírito Santo, visando estabelecer articulações entre o cinema e a educação para pensarmos uma outra ciência possível.

**Palavras Chave:** Mulheres panelleiras; Possibilidades de agência e emancipação; Cinema e educação.

### Introdução

O cinema é um meio capaz de transformar a realidade a partir da representação do real (Souza, 2013), incentivando o pensamento crítico e reflexivo. No contato com as imagens em movimento projetadas na tela conseguimos olhar para o outro e para nós mesmos de maneiras diferentes, podendo expandir percepções e recriar imaginários. A experiência com o audiovisual abre janelas para a descoberta de um mundo inacabado e repleto de memórias para projetar futuros (Fresquet, 2013). Por essa razão, as articulações entre cinema e educação revelam potencialidades para a conscientização e mudanças sociais.

Ao longo do tempo, as produções fílmicas passaram por alterações e propuseram várias perspectivas de representações, entre elas as que são voltadas para os movimentos sociais com tons de denúncia, reivindicação, celebração das diferenças e percepção crítica, que, no caso, são as que mais nos interessam. Esse tipo de abordagem promove discussões sobre as relações humanas e de poder na sociedade e podem mediar experiências estéticas, reflexivas e de descobrimento de outras formas de vida.

Pensando nisso, o objetivo deste trabalho é refletir sobre os agenciamentos de mulheres panelleiras para a criação de mundos possíveis de resistência e libertação a partir do filme *Mulheres de barro* (2014), de Edileuza Penha de Souza. Este é um curta-documentário fruto da tese de doutorado intitulada “Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade” da cineasta, que é professora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Entre as temáticas abordadas na obra e na tese, focalizamos no ofício da

produção de panelas de barro como uma prática ancestral feminina e produtora de cultura no estado do Espírito Santo. Diante disso, visamos estabelecer articulações entre o cinema e a educação para pensarmos uma outra ciência possível.

### **Do barro esculpem panelas, modos de vida e liberdade**

O filme *Mulheres de barro* (2014) retrata as histórias das paneleiras de Goiabeiras Velha, município de Vitória, Espírito Santo. Essa é uma prática artesanal majoritariamente feminina e de saber ancestral passada de geração em geração que foi herdada das populações afro-ameríndias (Souza, 2013). Os processos de produção percorrem diferentes estágios como a obtenção da matéria-prima, modelagem, secagem e queima das panelas, apresentando-se como um saber legítimo e complexo. No ano de 2002, o ofício das paneleiras da região foi o primeiro bem cultural inscrito no Livro de Registro dos Saberes do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o qual reconhece a importância dessa tradição como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

A narrativa do curta-documentário se desenrola com os relatos de mulheres capixabas que, através do barro, esculpem panelas, histórias de vida e libertação. Segundo Souza (2013), as paneleiras, em sua maioria, trabalham de forma colaborativa na Associação das Paneleiras de Goiabeiras, um galpão construído pela prefeitura, onde elas produzem e comercializam seus artefatos de maneira independente.

Logo nas primeiras cenas do filme, a câmera em plano detalhe enfatiza as mãos dessas mulheres moldando as panelas enquanto cantam uma de suas canções. A destreza com a qual realizam a atividade demonstra o domínio que elas têm das técnicas e do barro.

**Figuras 1 e 2**



Fotogramas retirados do filme.

Ao longo da obra audiovisual, a câmera em primeiro plano focaliza os rostos das mulheres, as quais narram suas trajetórias de vida, de amor e de feitura das panelas. A primeira delas, dona Maria Cirino dos Santos (figura 3), de 57 anos, expõe o processo de extração do barro, “*não é só pegar e tirar, tem que procurar o barro certo*”. Ela explica que utiliza um enxadão para alcançar o barro e “*se não tiver pedra, se ele não for muito fino, for cheinho e chiar, ele tá bom. Se apertar ele assim e ele abrir, ele não presta*”. Além disso, ela conta que aprendeu seu ofício com a sogra e que sua casa de cinco cômodos foi construída com o dinheiro das panelas.



**Figuras 3 e 4**



Fotogramas retirados do filme.

Dona Janette Alves da Silva (figura 5), 76 anos, relata que aprendeu a fazer panela com a mãe ainda na época da escola. Com o dinheiro que recebeu ao longo da vida fez seu enxoval e educou os filhos, uma vez que a renda do marido só dava para pagar as contas de casa como o aluguel, água e luz.

**Figura 5**



Fotograma retirado do filme.

Dona Isabel Corrêa Campos (figura 6), 66 anos, rememora sua adolescência quando ia visitar a madrinha, que a ensinou as produções com o barro. Ela começou fazendo no quintal de casa até conhecer um senhor que achava suas peças muito bonitas e a convidou para uma parceria. Enquanto cuidava do negócio, conheceu pessoas e novas formas de vida.

**Figura 6**

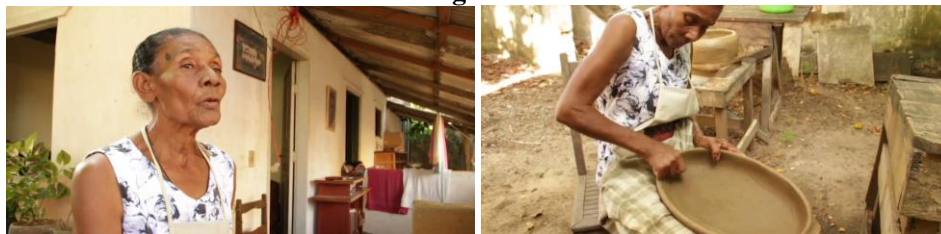


Fotograma retirado do filme.

Já dona Elizete Salles dos Santos (figura 7), 79 anos, relembra que sofreu muito na vida, mas hoje é feliz demais. Ela destaca que nunca dependeu de ninguém e se orgulha bastante de tudo que fez vendendo panelas.



Figura 7



Fotogramas retirados do filme.

Essas mulheres experienciam marcadores sociais de gênero, raça, classe e faixa etária que as colocam em um lugar de encruzilhada, onde suas vivências inevitavelmente passam pelos mecanismos de opressão. Na sociedade capitalista, patriarcal e racista em que vivemos, o valor das pessoas é definido pelos lucros que podem oferecer, com isso, determinados grupos podem ser levados a se sentirem dispensáveis e ocuparem uma posição inferior e desumanizada, principalmente mulheres, pessoas negras, pobres e idosos (Lorde, 2019). Frente a tais apontamentos, as panelleiras de Goiabeiras são atingidas por essas intersecções e armadilhas do poder, que trabalham para a invisibilização e supressão dos seus direitos de serem sujeitas de seus discursos e jornadas (Gonzalez, 2020).

No entanto, apesar do capitalismo selvagem produtivista e de suas lembranças de uma vida difícil e sofrida, essas mulheres são apresentadas para além da exploração, como agentes do seu próprio destino. Elas partilham de histórias atravessadas pela feitura de panelas que lhes garantiu independência e liberdade. Em seus relatos, as produções com o barro viabilizaram certa autonomia para ajudar nas contas de casa, na criação dos filhos e na própria sobrevivência.

Coletivamente, elas representam a sabedoria milenar feminina e preservam os valores da ancestralidade que são transpostos nas fabricações das panelas de barro. Por meio desse saber ancestral, as panelleiras transformaram suas práticas em rotas de resistência e protagonismo, enquanto constroem um território físico e simbólico de produção de conhecimentos e cultura. No documentário, essas mulheres são vistas como pessoas inteiras e agentes ativos das suas histórias, humanizando seus ofícios e existências.

### **Cinema, educação e outras possibilidades epistêmicas**

O cinema é uma arte que possui um caráter político que pode incentivar discussões frente a inúmeras temáticas que são mobilizadas, sobretudo, pela intencionalidade da direção. No caso do filme *Mulheres de barro* (2014), Edileuza Penha de Souza assume um compromisso ético, estético e político de exibir histórias reais e os múltiplos atravessamentos que as interseccionam. No decorrer da narrativa, a cineasta nos convida a pensar com as imagens e as mulheres em cena, ao passo que abre espaço para que suas vozes sejam ouvidas, rompendo com a invisibilização em torno de suas existências.

Edileuza é uma mulher negra, cineasta e militante do Cinema Negro Feminino, o que justifica a sensibilidade do seu olhar para questões que são próximas e íntimas das suas

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

experiências e visões de mundo. A escolha pelo gênero cinematográfico documental reflete a importância do lugar de autoria e de registro da realidade em sua obra. Souza (2017, p. 16) aponta que o Cinema Negro Feminino “pode ser percebido também como um espaço de práticas culturais nas quais se criam mecanismos identitários de representação a partir da memória coletiva e ancestral”, portanto a centralidade da narrativa nas paneleiras e nos seus saberes parte do desejo de pertencimento e empoderamento que seu cinema provoca.

Dentro de um sistema que trabalha incansavelmente pelo apagamento, silenciamento e opressão das mulheres, principalmente negras, marginalizando seus feitos e ocupações, voltar o olhar para suas contribuições e intelectualidade é um ato de legitimação e humanização que produz rachaduras no pensamento hegemônico dominante e anuncia outros mundos possíveis. Diante disso, o diálogo entre o cinema e a educação pode propor ao campo das ciências um outro entendimento acerca das inúmeras epistemologias que têm sido produzidas por mulheres no território brasileiro. Em um país com tanta diversidade cultural, não podemos limitar a produção de conhecimentos somente ao espaço acadêmico e, dessa forma, o audiovisual pode ser um lugar de acesso a outros saberes.

Ao apresentar as paneleiras de Goiabeiras Velha, Edileuza propõe uma reflexão crítica, teórica e científica sobre uma profissão que, para além da subsistência, está envolta de agenciamentos de modos de vida, elaborações culturais e saberes ancestrais. A obra visibiliza mulheres ignoradas pelo poder dominante, especialmente devido aos marcadores de raça, classe e idade. Nesse sentido, Lorde (2019) versa sobre o quanto o etarismo interfere nas relações sociais e como é uma ferramenta importante nas sociedades opressoras, posto que os mais velhos são vistos como descartáveis e suas tradições são consideradas alheias demais para serem compreendidas, o que ameaça a mobilização coletiva dessas comunidades idosas, principalmente das mulheres. Entretanto, a cineasta valida essas outridades e coloca as paneleiras no centro de suas próprias narrativas, atribuindo outros sentidos para a relação dos espectadores com essas histórias e com as imagens representadas em cena.

Vale ressaltar que a criação de imagens é influenciada por uma política de dominação que impacta a forma como elas são elaboradas e comercializadas (hooks, 2019), por isso, o posicionamento assumido por Edileuza em seu filme é tão relevante para as discussões na sociedade e na educação. Expandir as fronteiras das imagens contribui para a diversificação dos nossos letramentos e repertórios para outras maneiras de habitar o mundo, enquanto a tomada de consciência só se amplia na medida em que é exercitada. Assim, o cinema pode ser um lugar para (re)pensarmos outras possibilidades epistêmicas e de agenciamentos que podem ser refletidas e debatidas na escola, na universidade e além.

## Considerações finais

O curta-documentário *Mulheres de barro* (2014) é uma obra que reúne cinema e ciência para dar espaço a vozes, histórias e saberes invisibilizados. Dentro de suas realidades e ocupações, as paneleiras de Goiabeiras Velha produzem cultura e preservam um saber ancestral feminino que é passado entre gerações. Através da feitura das panelas de barro elas garantem sua sobrevivência e de seus familiares e agenciam a liberdade e o próprio destino.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

A cineasta Edileuza Penha de Souza, por sua vez, apresenta novas possibilidades de pensar as ciências a partir de outros modos de produzir conhecimentos, legitimando uma comunidade de mulheres negras e idosas que impactam seus contextos e a cultura local.

Em vista disso, ao pensarmos o cinema e a educação como experiência de criação e alteridade, temos a oportunidade de ultrapassar barreiras históricas, territoriais e simbólicas de silenciamento e opressão de populações que têm tanto a nos ensinar sobre a vida e o mundo. Reconhecemos no filme e na tese de Edileuza um caminho para imaginarmos uma outra ciência possível, capaz de plantar futuros e transformar realidades. Sob essa perspectiva, podemos criar coletivamente vínculos que não são de captura, (re)aprendendo “umas com as outras, por meio das outras, graças às outras – o que uma vida digna de ser vivida e saberes dignos de serem cultivados requerem” (Stengers, 2023, p. 101).

Acreditamos em uma ciência, um cinema e uma educação que são capazes de curar silêncios e que despertem novas perguntas e olhares para o mundo. Contemplar e celebrar a diversidade cultural, intelectual e de existências brasileiras é uma das nossas lutas e militância, não admitimos uma emancipação que não seja coletiva!

## Referências

FREQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**. 1a. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MULHERES de barro. Direção: Edileuza Penha de Souza. Brasil, 2014. Itaú Cultural Play.

SOUZA, Edileuza Penha de. Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, p. 260, 2013.

SOUZA, Edileuza Penha de. Diretoras negras: construindo um cinema de identidades e afeto. In: FREITAS, Kênia; OLIVEIRA, Paulo Ricardo Gonçalves de. (org.). **Diretoras negras no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Voa!, p. 11-17, 2017.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2023.